

MANGUEIRA

CARNAVAL 81



DE NONÔ A JK

MANGUEIRA CARNAVAL 81

DE NONÔ A JK

Enredo — Sugestão e texto: Alcyone Barretto
— Desenvolvimento e roteiro: Diretoria de Carnaval

Projeto dos
Arquitetos Oscar Niemeyer
Bernardo Goldwasser
Jayme Zettel
José de Anchieta Leal
Sabino Barroso

Alegorias

Execução Moacyr Castelo Branco (Melão)
Ciro Ramos
Ubirajara Assis
Luiz Carlos (Portela)

Figurinos:
Samba-enredo:

Eloy Machado
Jurandir, Comprido e Arroz

Diretoria de Carnaval: Presidente: Alcyone Barretto, Moacyr Castelo Branco (Melão), Pedro Paulo Lopes, Maria Helena, José Ananias de Marcellos, João Riche, Paulo Ramos, Cyro Ramos, Walter Martins de Miranda.

DIRETORIA PARA O TRIÊNIO DE 80/83

Presidente — Percival Pires (Perci)

Vice-Presidente — Moacyr Cardoso de Abreu Castelo Branco (Melão)

Departamento de Comunicações — 1.º Vice — Wanderlei Dória (Bartolo); 2.º Vice — Walter Martins de Miranda

Departamento de Finanças — 1.º Vice — José Ananias de Marcellos; 2.º Vice — Dante Careli

Departamento Social — 1.º Vice — Elias Riche Filho; 2.º Vice — William Lourenço Braga (Lilico)

Departamento de Patrimônio — 1.º Vice — Jair Campos da Silva; 2.º Vice — José Branco

Departamento de Harmonia — 1.º Vice — Genésio Pereira; 2.º Vice — Ronaldo Silva Oliveira

Departamento de Divulgação — 1.º Vice — Manoel Soares da Silva (Mano); 2.º Vice — Alberto Miranda (Beto)

Departamento Jurídico — 1.º Vice — Dr. Alcyone Pinto Barretto; 2.º Vice — Dr. João Riche

Departamento Feminino — 1.º Vice — Ilazir Miranda (Zinha); 2.º Vice — Vanda da Silva

Departamento de Esportes — 1.º Vice — Marco Antônio Gomes; 2.º Vice — Agadenor Félix de Souza

Departamento Cultural — 1.º Vice — Paulo Ramos; 2.º Vice — Maria Helena

Procuradores — 1.º Vice — Dr. Florivaldo Carmo; 2.º Vice — Neudon Antônio Valadão

1.º Representante na Associação das Escolas de Samba — Ney Gonçalves Gaspar

2.º Representante na Associação das Escolas de Samba — Dr. Olavo Bastos



DE NONÔ A JK

Autores: Jurandir — Comprido — Arroz

*Em verde e rosa,
A Mangueira vem mostrar,
O fascinante tema:
"De Nonô a JK"
Juscelino Kubitschek de Oliveira
De uma lendária cidade mineira,
O grande presidente popular.
Surgiu "Nonô" em Diamantina
E uma chama divina
Iluminou sua formação*

*Subindo os degraus da glória,
Imortalizou-se na história, Bis
Como chefe da nação. ôô*

*Em sua marcha progressista,
O notável estadista
O planalto desbravou.
Brasília, o sonho dourado,
Que ele tanto acalentou.
Juscelino descansa na fazenda,
E os acordes de um violão
Levam ao povo a saudade,
Lembrado neste refrão:*

*Como pode o peixe vivo
Viver fora d'água fria!
Como poderei viver! Bis
Sem a tua — sem a tua
Sem a tua companhia?*

ENREDO

Alcyone Barretto

NO dia 12 de setembro de 1902, em Diamantina, nasceu um menino que foi batizado com o nome de Juscelino e ganhou o apelido familiar de Nonô, sendo pai João Cezar de Oliveira, um caixeiro-viajante, alegre, boêmio, seresteiro, e mãe D. Julia Kubitschek de Oliveira, uma austera professora primária.

Nonô, ainda muito criança, ficou órfão de pai. E a sua infância de menino pobre transcorreu no cenário barroco de Diamantina, onde, brincando e estudando, subiu e desceu as ladeiras íngremes ladeadas de casarões, transformando-se em rapaz.

Nonô, que só ganhou o primeiro par de sapatos aos doze anos, foi, em um dia de Natal, o menino mais feliz de Diamantina, quando comprou o *Gigante* — um carneiro — e com ele subiu o morro da Grupiara.

A história e lendas do velho Tijuco vieram aos ouvidos de Nonô e sua irmã Naná através dos casos contados pela mãe preta Augusta Generosa que tudo sabia sobre o que ocorrera entre escravos, senhores, mucamas, sinhás, mercadores, contratadores de diamantes, enfim, conhecia as histórias dos amores, das crenças, das brigas, das invejas, dos ciúmes, das ambições daqueles que — como Chica da Silva e João Fer-

nandes de Oliveira — desfilaram suas vidas entre as grupiaras, os monjolos de cascalhos ou nos majestosos templos e palácios daquela aldeia rica e agitada que se transformou em passado histórico para em seu lugar surgir a cidade de Diamantina, calma e rotineira.

Aos dezoito anos Nonô vai para Belo Horizonte, deixa Diamantina das serenatas e dos violeiros, dos sobrados coloniais, dos chafarizes, das moças e rapazes flertando na capistrana, elas de vestidos importados, eles de polainas de feltro e fumando em piteiras. Deixa Diamantina com sua estação de trem, suas ladeiras, suas vielas tortuosas, seus becos e seu sereno. Deixa a Diamantina das festas do Divino, dos saraus e bailes nos salões elegantes.

Juscelino vai para Belo Horizonte, vai iniciar a caminhada de JK, vai ser telegrafista, médico, prefeito, deputado, governador, Presidente da República, mas, de sua memória jamais sairá o refrão da cantiga folclórica que pela primeira vez ouviu numa festa escolar:

Como pode o peixe vivo viver fora d'água fria

Como pode o peixe vivo viver fora d'água fria

Como poderei viver

Como poderei viver

Sem a tua

Sem a tua

Sem a tua companhia

Em Belo Horizonte trabalhou como telegrafista, estudou medicina, frequentou as rodas intelectuais e tornou-se amigo dos artistas. Trabalha, estuda e se diverte, frequenta os bares, as festas e por dançar bem e muito recebe o apelido de *pé-de-valsas*.

JK ingressa na política e seu primeiro passo na escalada de realizações foi construir uma ponte sobre o ribeirão do Inferno que permitiu a ligação da cidade de Rio Vermelho a Diamantina.

JK, quando prefeito de Belo Horizonte, abriu ruas, rasgou avenidas, criou bairros, construiu Pampulha com sua igreja moderna.

JK, governador de Minas, construiu barragens, asfaltou estradas, saneou as finanças, abriu hospitais e inaugurou escolas.

JK, presidente da República, teve como primeiro ato governamental suspender a censura à imprensa demonstrando o seu amor à liberdade.

Cinquenta anos em apenas cinco foi o progresso de nosso País, em tempo de JK, que, sobre o lema Democracia e Desenvolvimento, construiu hidrelétricas, instalou a indústria automobilística, abriu e asfaltou estradas, conquistou o Oeste e ligou, por terra, Belém a Brasília.

Brasília — profecia de Dom Bosco e realização de JK — foi consequência de um compromisso assumido em praça pública num comício, na cidade de Jataí, Goiás, onde afirmou que cumpriria a Constituição e esta previa a mudança da Capital para a Planalto Central.

A construção de Brasília, metátese, cidade escultural empolgou toda a Nação e, sob a liderança de JK, nordestinos se transformaram em candangos, e dos mais longes rincões levas de brasileiros se transferiram para o Planalto Central confiantes no Brasil novo que surgia.

O tempo passa... JK é injustiçado e impedido de participar da vida política, ele, no ostracismo, se transforma em fazendeiro e vai para o cerrado, interior do País, perto de Brasília, vai conviver com fazendeiros, agricultores, boiadeiros, lavradores, vai criar e plantar sonhando com liberdade e feijão para o seu povo que canta.

Como poderei viver

Como poderei viver

Sem a tua

Sem a tua

Sem a tua companhia



O NONÔ DE DIAMANTINA

Juscelino Kubitschek

NASCI em Diamantina, a 12 de setembro de 1902, num sobrado que pertencia ao meu avô e ficava na Rua Direita, quase em frente da catedral. Era um casarão colonial, como tantos outros da cidade — reminiscência, certamente, da época opulenta dos faiscadores. Da sua sacada vimos o enterro do meu pai. O féretro repon-tou na praça ao lado da catedral, e ia sendo conduzido para a Igreja de São Francisco. Eu brincava na sala de jantar quando ouvi Naná, que era um ano mais velha, chamar-me: — “Vem, Nonô, vem ver o enterro de papai!”

Se já não éramos ricos, com a morte de meu pai tornamo-nos ainda mais pobres. Minha mãe tinha dois filhos para criar — costumava ela dizer — e iria criá-los, custasse o que custasse. Estava de pé antes de o galo cantar. Acendia o fogo. Preparava o café e em seguida fazia o almoço. Depois de ter tudo em ordem, seguia para a escola, na Palha, onde dava aulas. Meu maior desejo, então, era o de possuir um carneiro manso, em que pudesse montar, ou que pudesse atrelar a um carrinho feito de caixotes. Um carneiro custava cerca de três mil-réis. Uma quantia impossível para um menino pobre como eu. Mesmo assim eu continuava a pensar no carneiro, sonhando de olhos abertos. Quando fiz a primeira comunhão, nas proximidades do Natal, pedi a Nossa Senhora da Luz, de quem era devoto, a graça de ter um carneiro. Naquele dia, Dona Rita disse que quem comungava tinha direito a um presente e perguntou-me o que eu desejava. Não tive coragem de revelar o que gostaria de ganhar. Ela então me deu duas pratas de dez tostões. Saí cor-

rendo rua afora. Ao chegar em casa, contei a minha mãe o que havia acontecido. Ela sorriu, levemente. Ergueu-se, abriu um armário onde conservava seus guardados. E deu-me os dez tostões que ainda faltavam. Comprei então o *Gigante* e com ele subi glorioso o morro da Grupiara. Naquele Natal, fui o menino mais feliz de toda Diamantina.

Na cidade não havia ginásios. Depois do curso primário, e de ter ganho alguns tostões como menino de recados, entrei para o Seminário. Não queria ser padre mas era o único modo de continuar os estudos. Os padres foram compreensivos e me aceitaram, mesmo sabendo que eu não tinha vocação sacerdotal. Mas também um dia a cidade ficou pequena para os meus estudos. Com muitos sacrifícios fiz concurso para telegrafista. Precisava ir a Belo Horizonte e minha mãe não tinha dinheiro para a passagem. Retirou o único colar que possuía e vendeu-o. Nas refeições, ela se limitava a tomar café com leite e pão, a fim de poupar dinheiro que desse para custear a viagem. Finalmente, obtida a quantia, com uma pequena mala de papelão à cabeça subi a íngreme ladeira que dava para a estação ferroviária. Voltava-me, de quando em vez, para contemplar a cidade, lá embaixo, ainda envolta na bruma da manhã. Pouco depois a locomotiva apitou, anunciando a partida. Apalpei o embrulho ainda quente em que mamãe, com sua providência habitual, acondicionara um frango com farofa. E, estendendo o olhar pelo vagão, deixei-me levar, em busca do incerto e misterioso destino.

(Do livro de memórias
A Experiência da Humildade,
Bloch Editores)





BRASÍLIA, SONHO DOURADO

Josué Montello

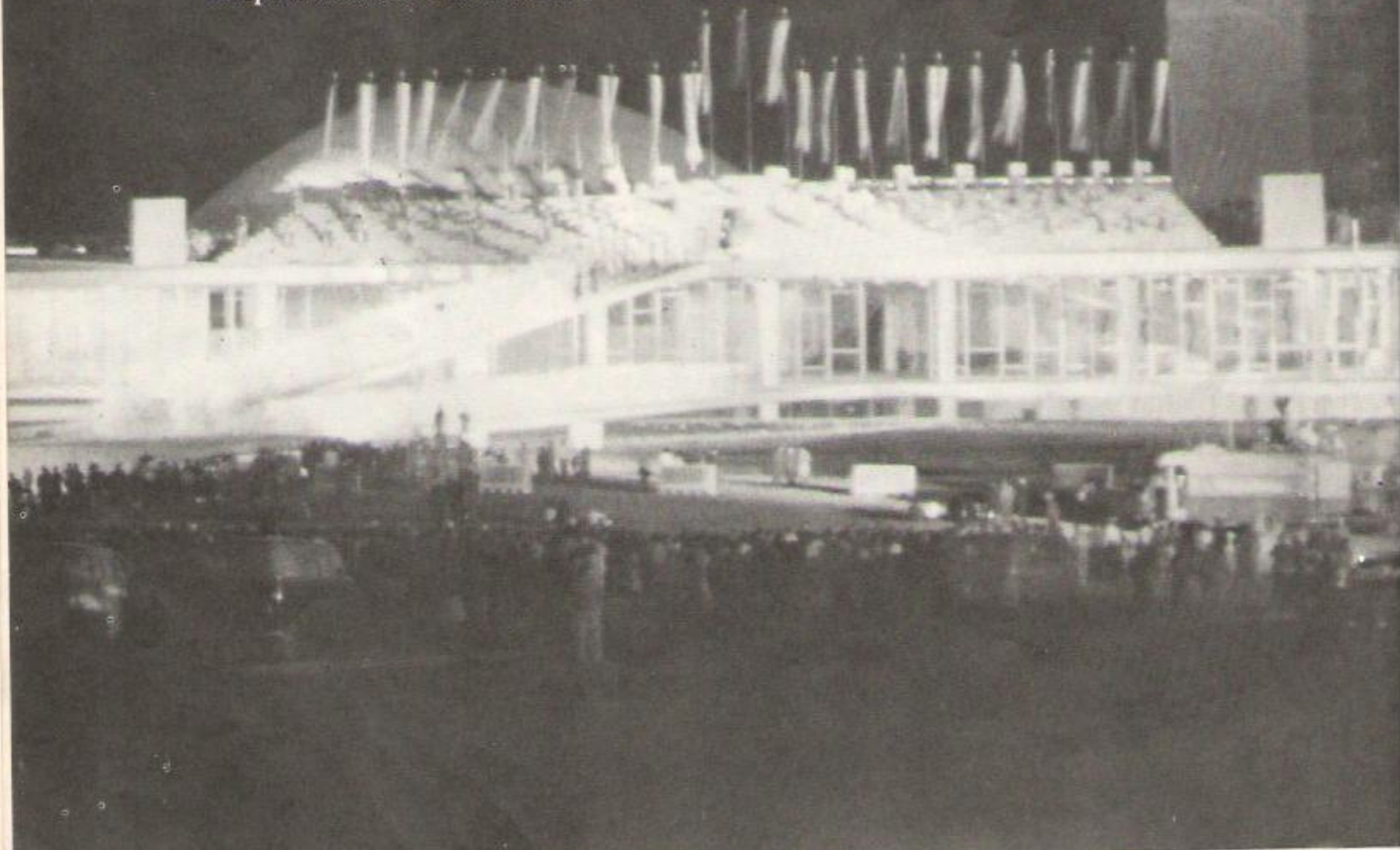
QUANDO refletimos sobre alguns fatos históricos, que mudaram de repente a face do mundo ou de uma nação, somos inclinados a reconhecer que, na realização desses acontecimentos singulares, houve uma aspiração coletiva que acabou por encontrar a vontade individual que lhes deu sentido, impulso e forma.


Foi assim na descoberta do Novo Mundo. Foi assim na viagem de Vasco da Gama. Foi assim na independência do Brasil. Na bata-

lha da Inglaterra. No Concílio Ecumênico.

De um momento para outro, agiganta-se uma figura humana, que interpreta o sonho coletivo, e esse sonho se transpõe para o plano da realização objetiva, com as características de um milagre.

O Presidente Kubitschek andou bem inspirado quando deu às suas memórias o título de *Meu Caminho Para Brasília*. Na verdade, tudo quanto se passou com ele, no desdobramento de seu destino de lutas contínuas, tem ligação na-





tural com a construção da nova Capital da República. Ele nasceu para construir Brasília, assim como Churchill nasceu para comandar a batalha da Inglaterra, e Vasco da Gama veio ao mundo para traçar o caminho que levou à Índia as caravelas portuguesas.

Mesmo à hora da adversidade política, Juscelino estaria associado a Brasília. E Brasília explica também o monumento que ali está sendo construído, para guardar as relíquias de seu fundador, ao longo do tempo.

À medida que recompomos a vida do Presidente Kubitschek, lance por lance, desde as origens humildes até o remate repentino de sua morte na estrada, mais nos convencemos de que foi sempre em função de Brasília que o seu destino se desdobrou. Brasília é o ponto de chegada, até o momento em que o presidente a inaugura, e é o ponto de partida, depois que ele a entrega à Nação.

Tudo quanto JK realizou, quer como prefeito de Belo Horizonte, quer como governador de Minas Gerais, gradativamente o conduziu, com o acervo das experiências acumuladas, para o estuário da cidade que ele ergueu no Planalto Central

como síntese da civilização e da cultura do Brasil. A Presidência da República, que ele conquista na sua infatigável caminhada por todos os recantos do território nacional, leva-o ao desafio da construção de Brasília, que aceita na praça pública, durante a realização de um comício político, e que, podendo ter sido simples promessa eleitoral, é, na realidade, um compromisso com o futuro do País.

Eu tive o privilégio de ser seu colaborador ao tempo da Presidência da República. E posso dar aqui o meu testemunho de que o Presidente Kubitschek, ao construir a nova Capital da República, estava perfeitamente compenetrado da glória histórica que o destino colocara no seu caminho. Por isso mesmo, desde o primeiro instante na chefia do Governo, tratou ele de servir a essa glória com toda a energia de que era capaz, recrutando os colaboradores adequados, vencendo os obstáculos mais difíceis, transformando hesitações em entusiasmos. E fez realmente de Brasília — conforme ele próprio reconheceu — a meta de suas metas, ao empurrar o Brasil para o Século XXI.

MANGUEIRA

- 1) Carro Abre Alas
- 2) Comissão de Frente — Ala Sambrasa

1.º Setor Diamantina

- 3) Damas de Diamantina (Figuras de enredo) Nadia e Jane
- 4) Primeira Alegoria “Chafariz de Diamantina”
Peixe Vivo (Destaque) — Laerte
- 5) Nanás e Nonôs — Ala Infantil
- 6) Tripé “Mãe Preta Generosa”
- 7) As Professoras — Velha Guarda Feminina
- 8) Os Senhores — Velha Guarda Masculina
- 9) Arte Sacra Mineira (Destaque) — Zinha
- 10) Barroco Mineiro (Destaque) — Clóvis Bornay
- 11) Diamantina (Destaque) — Maria Ramos
- 12) Poesia Mineira (Destaque) — Suely
- 13) Arte em Diamantina — Alas — Gatinhas — Meninas da Praia
- 14) Os Saraus 1906 — Alas — Chamosas — Ninguém é de ninguém — Príncipes
- 15) Os Saraus Elegantes — Alas — Impossíveis — Embalo
- 16) Namorados 1918 — Alas — Deixa Comigo — Caçulinhas —

- Baianas Grã-finas — Funcionários
- 17) Artistas — Alas — Barões — Fidalgos — Jambetes — Embaixadores — Aliados
- 18) Telegrafistas — JK em BH — Alas — Última Chance — Nobres.

2.º Setor Brasília

- 19) Tripé JK (Figura de Enredo)
- 20) Alvorada (Destaque) — Maria Helena
- 21) Catedral (Destaque) — Ilka
- 22) Exaltação a Brasília (Destaque) — Marilene
- 23) Palácio do Planalto (Destaque) — Hέλvia
- 24) Candangos — Ala Moana
- 25) Tripé — Colunas de Brasília
- 26) Integração — Grupos — Toninho de Oxóssi — Eloy Machado — Última Hora
- 27) Segunda Alegoria — Brasília
- 28) Dragões da Independência — Alas — Turistas — Mil. Paris — Intocáveis — Invencíveis.
- 29) Flores de Brasília — Ala Arma comigo que você sai
- 30) Meninas de Brasília — Alas — Moderninhas — Deixar falar
- 31) Motivos de Brasília — Alas — Firmeza — Esforçados — Duques
- 32) Esplanada — Ala da Justiça — Grupo Eles e Elas.



CARNAVAL-81

DE NONÔ A JK

3.º Setor Cerrado

- 33) Flores do Cerrado (Alegorias de Mão)
- 34) Camponeses — Alas — Corte — Mimosas — Depois eu digo — Grã-finas — Deixa isso pra lá — Nós somos assim.
- 35) Sementes do Cerrado — Grupo Jovem.
- 36) Floridos do Cerrado — Ala As rosas não falam.
- 37) Flores do Cerrado (Destaque) — Cotinha
- 38) Abacaxi (Destaque) — Luís Vitor
- 39) Bananas (Destaque) — Terezinha
- 40) Esplendor da Colheita (Destaque) — Jandira
- 41) Bananeiras — Ala dos Seresteiros
- 42) Frutos do Cerrado — Bonecões
- 43) Vegetais do Cerrado — Bonecões
- 44) Colheita no Cerrado — Ala dos Hippies
- 45) Tripé — Espantalho
- 46) Espantalhos — Grupo Verde e Rosa
- 47) Vegetais — Alas — Mil e uma noites — Reis — Brasinhas e brasões — Dengosas — Chove não molha — É com nós mesmo.
- 48) Arvoredo (Destaque) — Toninho de Oxóssi
- 49) Colheita (Destaque) — Vanda

- 50) Natureza (Destaque) — Margarida
- 51) Paineiras (Destaque) — Lídia
- 52) Plumas (Destaque) — Tônia
- 53) Trigo — Ala Comigo ninguém pode
- 54) Folhagens (Figuras de Enredo) Marli — Ione — Zamira
- 55) Folhagens — Grupo da Mirian Baiana
- 56) Canavial — Ala da Opção — Grupo Renascença
- 57) Baianas Tradicionais
- 58) Quadro de Encerramento

- 2.º Mestre-Sala — **Robertinho**
- 2.º Porta-Bandeira — **Vilma**
- 1.º Mestre-Sala — **Lilico**
- 1.º Porta-Bandeira — **Mocinha**

Artistas — Alcyone — Carlinhos do Pandeiro — Juventude Samba-Show — Trio BR3 — Jamelão — Terezinha Sodré — Rosemary Alas Técnicas — Só pra quem pode — Periquitos e Boêmios.
Passistas
Ala da Bateria
Ala dos Compositores
Harmonia
Conselho
Diretoria
Diretoria de Carnaval

COM o samba-enredo composto por Jurandir, Comprido e Arroz, a Estação Primeira de Mangueira retoma a melhor tradição de elaboração de músicas do gênero. Contrariando a tendência dominante nas composições das escolas de samba, esta criação da Mangueira não abriga a confusão de coisas sem nexos que invadiram os sambas-enredos desde que, seduzidos por um suposto amor ao folclore, os carnavalescos das escolas passaram a montar enredos baseados em mitos e lendas populares do interior do país. O resultado desse folclorismo, a que nem a Mangueira permaneceu imune, foi que muitos sambas ficaram sem pé nem cabeça — uma espécie do *samba do crioulo doido* ironizado por Stanislaw Ponte Preta, em que a Iara come a Cobra Grande, o Saci-Pererê se casa com Iemanjá, e por aí afora.

A tradição do samba-enredo, porém, indica que o melhor é o mais simples, e não foi por outra razão que *Tiradentes*, de Mano Décio da Viola e Penteado, ainda é, 30 anos depois de sua criação, o mais belo, o mais completo e o mais permanente de todos os sambas de escolas, com aquela sua genial intuição de abrir a narração com dois versos formados pelo nome do personagem: "Joaquim José/Da Silva Xavier". Foi essa singeleza que Jurandir, Comprido e Arroz reencontraram, como é visível no quinto verso do tema *De Nonô a JK*, em que se pronuncia com sonora modulação o nome integral do personagem da história: "Juscelino Kubitschek de Oliveira". Com esse despojamento, a Mangueira pôde resumir em apenas 22 versos, completados pelo refrão do mineiríssimo *Peixe Vivo*, o perfil desse brasileiro singular que foi Juscelino.

Com tal disposição de fazer o simples e o tradicional, a Mangueira

"JUSCELINO DESCANSA NA FAZENDA"

Maurício Azêdo



deliberadamente deu as costas ao falso grandiloquente, altissonante, ao gongórico, o que seria fácil a partir de um personagem como Juscelino, tão ousado em seus planos e em suas criações e que deixou marcas tão gigantescas e tão numerosas na fisionomia econômica do país. Em vez de Furnas, Três Marias, da indústria automobilística e da indústria de construção naval, das rodovias e tantos aspectos monumentais do Governo Kubitschek, Jurandir, Comprido e Arroz preferiram ficar no terra-a-terra, nas coisas comuns que tanto sensibilizavam o mineiro e brasileiro Juscelino. Podiam ter exaltado, por exemplo, a última fa-

bulação de Juscelino, seu sonho de construir uma agricultura rica e variada no cerrado, nas terras férteis e inexploradas do Centro-Oeste. Em lugar disso, preferiram lembrar a fazenda como um ponto de descanso do lidador, do combatente, que, encerrada a faina, se comove com os acordes de um violão.

Mas talvez neste verso "Juscelino descansa na fazenda" esteja, não apenas isso, mas também um simbolismo, uma referência à tragédia de um brasileiro que, como dezenas de milhares de outros, amargou perseguições de todo tipo a partir de 1964 — até mesmo a ameaça de não ter direito a um enterro público. A

fazenda seria não apenas o cerrado que tanto o fascinava, por suas potencialidades, nos últimos anos de vida, mas o solo de Brasília que ele retirou do abandono, transformou numa cidade de arquitetura mágica e escolheu para morada definitiva. O repouso a que foi conduzido, na noite do obscurantismo, pelas mãos de 100 mil pessoas que desdenharam dos riscos para prestar a devida homenagem ao grande morto. Uma homenagem tão pura e tão espontânea como esta que, pela voz de suas pastoras, a Mangueira ergue límpida na maior noite do carnaval do Rio de Janeiro.



JK E AS ARTES

Flávio de Aquino

É indiscutível a atração que Juscelino Kubitschek tinha pelas artes. Teria sido uma influência de Diamantina, que na integração de ambiente e arquitetura barroca é a mais bela do Brasil? Em todo caso, desde que exerceu seu primeiro mandato executivo como prefeito de Belo Horizonte, ele deu inteira liberdade para Oscar Niemeyer expandir seu gênio com as obras da Pampulha. Nelas passou a conhecer e a prestigiar até Brasília, não só seu arquiteto preferido, como Portinari e Roberto Burle Marx. Pancetti, mortalmente ferido pelo câncer, escreve sua alegria em seu *Diário* ao receber a visita no Hospital da Marinha, no Rio, do seu amigo e Presidente JK.

Quando da decoração do Palácio da Alvorada, Juscelino se interessou diretamente pelas obras e os artistas que Mário Pedrosa e eu escolhemos entre os então mais avançados da arte moderna brasileira.

A música — ouvir e se possível dançar — era outra de suas diversões constantes. Adorava as serestas do tipo *Elvira Escuta*, tocadas na intimidade do Alvorada ou do Catetinho por seu amigo e grande violonista Dilermando Reis. Pediu que Tom Jobim compusesse o Hino de Brasília e fez questão de ouvi-lo em suas primeiras elaborações. O *Peixe Vivo* era o seu hino, refrão musical, cuja segunda parte podia ser completada com *Oh, Minas Gerais*.

JK estadista não deixava de ser atento à cultura de seu país e até a estrangeira. Dorival Caymmi, Herivelto Martins, Lamartine Babo, Joracy Camargo, Lupiscínio Rodrigues, Aaulfo Alves, Noel Rosa e tantos outros faziam parte de sua discoteca particular. Sem faltar nela o jazz tradicional de Louis Armstrong, a quem fez questão de receber pessoalmente em 1957, durante a visita do grande artista ao Brasil.

Em meio a seus afazeres de chefe de estado, JK possuía a qualidade da contemplação artística. Certa vez, num jantar de pouca gente no Palácio da Alvorada, o Presidente — a quem conhecia mas não gozava da intimidade — me chamou. Encaminhou-se para fora do palácio, andando uns 20 passos pelo jardim da fachada principal, sem nada falar. Parou, colocou a mão em meu ombro e disse, embevecido, olhando o Alvorada ao luar: “Olha como isso é lindo, Aquino”. E realmente era, com suas colunas únicas e delicadas e as estátuas de Alfredo Ceschiatti dentro do espelho d’água. Voltamos. E lá dentro ele pediu novamente a Dilermando que tocasse *Elvira Escuta* e ficou cismando. Sem JK muita coisa não teria havido na arte brasileira — ou teria acontecido mais lentamente —, das bienais paulistas ao Museu de Arte Moderna do Rio.

JK E A M.

Sérgio Cabral

JUSCELINO Kubitschek talvez tenha sido o Presidente da República mais identificado com a música popular brasileira. Grande admirador das serestas mineiras, seu nome ficou identificado com elas até depois de sua morte, graças a um disco de brinde de fim de ano, lançado por uma companhia de seguros, onde havia uma faixa gravada por ele. Seria autêntica ou alguém estaria usando indevidamente o nome do ex-Presidente?

Se não era verdadeira a informação de que aquela era a voz de Juscelino, era, pelo menos, verossímil: ninguém tem dúvida de que ele adoraria gravar um disco cantando serestas.

Sua identificação com a música foi tanta que entre os frequentadores



ÚSICA

mais habituais do palácio presidencial estavam duas figuras de nossa música: o pianista Benê Nunes e o violonista Dilermando Reis. Quando viajava para a região onde instalaria Brasília, levava não só arquitetos e construtores, mas também esses dois músicos que, para ele, tinham tanta importância quanto os responsáveis pela construção da nova capital. Não só Benê e Dilermando acompanhavam o Presidente. Se fosse contar as reuniões que promoveu com cantores e instrumentistas, essa publicação teria que ser ocupada apenas com a narração desses encontros. Afinal, o próprio secretário particular de Juscelino — o compositor e boêmio Geraldo Carneiro — sempre foi um homem ligado à música.

Se o Presidente procurava a MPB, esta respondia com a mesma intensidade. Juscelino e suas atividades

presidenciais serviram de tema para muitos sambas e marchas de carnaval. No primeiro mês do seu governo, em fevereiro de 1956, o povo já estava saudando a sua vitória (e a de Jango, na vice-presidência) com a "Marcha do Jota Jota", do grande compositor Wilson Batista (e de seu parceiro Jorge de Castro):

*"Meu Brasil segue em frente
Vamos na onda, moçada
Jota Jota Jota Jota
Foi a maior barbada".*

No ano seguinte, Linda Batista já falava em Brasília no samba "Nova Capital" (de Sebastião Mota e Aldair Louro):

*"Dizem, é voz corrente,
Em Goiás será a nova capital
Leve tudo pra lá, seu Presidente,
Mas deixe aqui o nosso carnaval".*

Os compositores Roberto Goulart e Amaro Santos, ainda em 1957, saíram com o samba "Lavoura":

*"Clareou clareou clareou
Um novo raio de luz na Nação
Nosso grande Presidente
Vai auxiliar nossa plantação".*

Enquanto isso, Ricardo Galeno colocava JK na presidência de uma escola de samba para pedir tolerância à oposição:

*"O morro tá falando por falar
A escola vai sair
E as cabrochas vão sambar
Chega, ainda é cedo pra julgar
Deixa o Nonô trabalhar".*

Em 1958, o tema Brasília voltava numa marchinha de grande sucesso, de Sebastião Gomes, Atila Bezerra e Valdir Rineiro:

*"Está na hora, Emília
É agora, Emília
Deixa o Rio
Vem comigo pra Brasília
A idéia não é má*

*Nasceu de JK
Então vamos pra lá
Que vai ser um chuá."*

Em 1960, ano da mudança da capital, foi a vez de Miguel Gustavo e Altamiro Carrilho abordarem o assunto:

*"Como pode o Juscelino
Viver longe de Brasília
JK está lá e cá
JK está lá e cá
Juscelino, bom menino
Que nasceu para voar"*

Nem sempre, porém, as músicas eram favoráveis ao Presidente. Billy Blanco, que se identificava com a oposição, não escondendo sua admiração por Carlos Lacerda, fez um samba dizendo que não ia pra Brasília, nem ele nem sua família. Bucy Moreira e Pereira Matos, compositores identificados com o povo, cobravam do presidente as promessas eleitorais:

*"As crianças estão chorando,
doutor
Por causa da alimentação
No morro nós votamos no senhor
Festejamos a vitória
Que nas urnas conquistou
Ai, doutor!
Doutor venceu
Mas esqueceu seu eleitor".*

Deixando a presidência, Juscelino foi substituído por outro Jota: Jânio Quadros (e mais um Jota, João Goulart, era reeleito vice-presidente). Armando Cavalcante e Ivo Santos lançaram, então, para o carnaval de 1961, a marchinha que começava assim:

*"Meu filho vai ser Jota
Custe o que custar
É é é
Já vi que a letra Jota
É que não é de azar".*

Que também dê sorte à Mangueira é o meu voto.



JK: O PRESIDENTE DO OTIMISMO

J.L.

ESTE país caminhava na sua roda-viva de sempre, amargurado e moribundo, tais as ditaduras que haviam se sucedido, os golpes e contragolpes — isso tudo enxertado de muita picaretagem e corrupção da grossa — quando surge em 1955 um nome que marcaria nossa história: Juscelino Kubitschek de Oliveira, o famoso JK.

Esse homem de origem humilde, após ter feito brilhante carreira política base, despontava no cenário nacional como candidato à presidência da República. Para isso, obviamente, teve de vencer os mil obstáculos que são interpostos no caminho dos que desejam fazer alguma coisa...

Em 1956, contra as manobras demagógicas, contra os golpistas permanentes, os picaretas e destiladores de ódio, eis que JK implantava o governo da evolução brasileira e do otimismo nacional, calcado em realizações sérias, tais como ampliação do potencial energético, abertura de estradas, estímulo à indústria pesada e à agricultura, criação de milhares de novos empregos, especialmente a partir do momento em que a indústria automobilística entrou em funcionamento.

Paralelamente a essas obras, que já seriam suficientes para marcar seu vitorioso e bem-humorado governo, ainda deu-se ao luxo de tornar realidade um velho sonho

brasileiro: a criação de uma cidade que se chamaria Brasília e para a qual seria transferida a sede do governo.

Em todos esses projetos, Juscelino lançava-se por inteiro e ainda tinha tempo para dialogar diretamente com trabalhadores, burocratas e até estudantes, sempre que os problemas sociais se agravavam e transcendiam as áreas ministeriais.

Certa ocasião, durante entrevista coletiva, ele nos disse:

“Por que a imprensa não divulga notícias otimistas; notícias que despertem o homem brasileiro para a grandeza que ele tem pela frente?”

Foi sem dúvida uma lição para nós que participávamos da coletiva e para os proprietários dos jornais, que tinham suas linhas de ação... (e como tinham!...) Mas a carapuça se ajustava aos diretores do *Correio da Manhã* que, na época, malhava JK sem dó nem pena.

Mas os bons acontecimentos floresciam com JK. Nos muitos contatos que tivemos (eu na humilde condição de repórter), eis que um dia ele me interpelou.

— De que lugar do Nordeste é você?

— Do Maranhão, eu disse. E lá, pelo que me consta (disse um pouco maldosamente, como todo repórter gosta de fazer...) ainda é Norte...

JK não se deixou perturbar. Respondeu:

— Pelos novos estudos do IBGE, está mudando para Meio-Nordeste!...

Ele achou muita graça e insistiu:

— Por que não vai para Brasília, fundar seu próprio jornal?

Confesso que saí da entrevista meio atordoado, pois o homem tinha a cabeça a mil por hora, sabia de tudo, cumpria os mínimos compromissos, chegava na hora certa, voava de um lado para o outro como ave de



arribação, dormia às 2 ou 3 da madrugada e às 6 já estava de pé, telefonando para Oscar Niemeyer, a fim de traçar os planos da futura capital.

Sinceramente, nunca vi tanta disposição. Tanta vontade de fazer o país ir em frente. Aos que criticavam a indústria automobilística, costumava dizer:

Ora, o dia que ficar comprovado que não dá certo, já ganhamos *know-how* e poderemos tomar novos rumos.

Era assim JK. Sabia o segredo dos *novos rumos*, das estradas virgens. Sabia conter, sem climas discricionários, a ânsia do atravessador e a fúria do golpista.

Certa manhã, por volta das 10 horas, num colégio de normalistas, a professora simpática decidiu homenageá-lo. Puxou reforçado discurso em muitas laudas datilografadas. JK, filho de mãe professora, preparou-se para a interminável dissertação. E os elogios foram tantos e tão prolongados que ele adormeceu. Acordou com as palmas estalando do seu lado e em todo o auditório. Ficou encabulado, fez uma careta para a professora, sorriu e abraçou-a.

— Desculpe. Estive estudando os novos projetos de Brasília até as 4 da madrugada!

De outra feita, em solenidade na Academia Brasileira de Letras, Juscelino tirou os sapatos (como fazia sempre) e, ao tentar encontrar o pé direito, teve dificuldade. Isso foi motivo para boas fotos nas revistas da época.

Juscelino deu muitas lições a este país. A primeira delas: de boa educação, boas maneiras. Além de político (ou por isso mesmo?), JK era um cavalheiro, sempre cordial, responsável, pensamento positivo.

A situação externa do país, com relação à dívida, já não era das melhores. Mas ele garantia ter *planos* para conter as dificuldades. E, tivesse sido reeleito, estamos certos de que o futuro da nação poderia ter sido outro. Ele sempre encontrava solução para os problemas mais intrincados.

Na chuvosa tarde em que JK foi intimado a depor numa Delegacia de Polícia do Rio de Janeiro, como se fosse um marginal, o país devorava seu próprio signo da felicidade. E até Deus parece que deixou de ser brasileiro, a partir desse dia.



A MAIOR META

Carlos Heitor Cony

AO se lançar candidato presidencial, em 1955, JK elaborou um programa de metas que seriam cumpridas integralmente durante o seu mandato. Ele não trouxe para o seu governo um programa abstrato (melhorias disso ou daquilo). Falou claro, detalhando quilômetros de estradas a serem construídas, indústrias a serem implantadas, hidrelétricas a distribuir energia pelo Brasil. Mais tarde, durante a campanha, ele incorporaria outra meta — a construção de Brasília — que JK chamaria de meta-síntese. Adolpho Bloch, que com ele conviveu tantos anos, acrescentou outra meta ao programa de seu governo: a Democracia.

Foi, assim, um total de 32 metas fielmente cumpridas, algumas delas em dobro. Nunca, na História do Brasil, um chefe de governo, quer no Império ou na República, realizara tanto.

Houve, porém, uma outra meta, não enunciada formalmente por JK, mas que resultou de todas as demais, incluindo Brasília e Democracia: o otimismo, a confiança que o brasileiro passou a ter no Brasil e em si próprio.

Lembro um episódio pessoal: no dia 21 de abril de 1960, quando se inaugurava Brasília e surgia, aqui no Rio, o Estado da Guanabara, eu estava a caminho do Galeão quando

furou um pneu do meu carro, ali na Praça Mauá, perto do Touring Club. Não foi difícil arranjar dois caras que me ajudassem a trocar o pneu. Nisso, deu meia-noite e da Cinelândia começaram a estourar fogos, saudando o nascimento do novo Estado. Olhei o mundo em torno e tive a sensação de que alguma coisa de importante aconteceria no Brasil, na cidade, em mim próprio: eu estava orgulhoso de tudo e pela primeira (e única vez na vida) senti alegria porque sabia que, no país inteiro, em todo o povo, havia a constatação física de que conseguíamos, como Nação, criar um fato novo, uma nova Esperança, um novo Destino talvez. Os dois homens que me ajudaram a trocar o pneu também sentiram a mesma coisa e não aceitaram o dinheiro que ofereci. Sugeriram apenas que eu fosse com eles, a um bar próximo, beber alguma coisa "por que tava todo mundo feliz". Guardei essa expressão, anônima, perdida na noite, perdida agora no tempo.

Foi esse o clima em que JK deixou o Brasil. Foi essa a realidade que ele soube criar, acima e além de suas metas: deu a todos uma danada confiança de que éramos capazes de dar a volta por cima de nossos problemas e, de repente, na fraternidade criada por um momento mágico, podíamos ser irmãos.

Neide, Cartola, Pelado

TRÊS LÁGRIMAS

Roberto Paulino

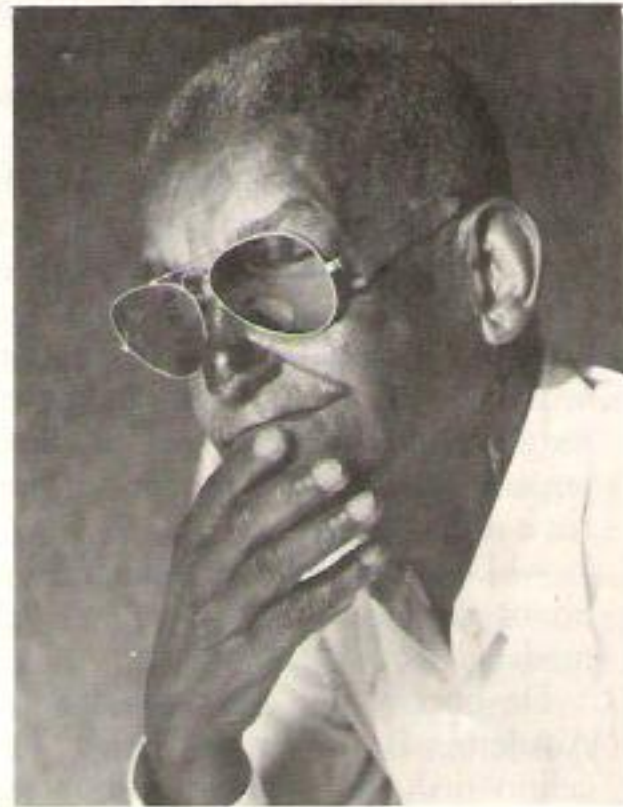
PERDER Neide, Cartola e Pelado, num ano só, é dose. São três nomes que se misturam com o da Mangueira. De Cartola pouco mais se pode dizer, cantado que ele já foi em prosa, verso e rosas. Talvez nunca mais as pessoas se esqueçam daquele corpo magro subindo, andar meio gingado como suas melodias, o Buraco Quente. E certamente não vai faltar um mangueirense que, num dia de porre maior, veja Cartola “subindo a ladeira, muito velho, pobre velho”, usando as palavras que ele escolheu para saudar o Estácio no dia do batismo da Estação Primeira, já lá se vão mais de 50 anos. Cartola exprime melhor que ninguém o autêntico sambista de morro. Fez milhares de sambas, esqueceu-se de centenas, gramou duro as estradas da vida, muitas vezes, como a Amélia do Aaulfo, sem ter o que comer. Mas no fim venceu. O que é menos para a Mangueira do que ter a sublime glória de ter Cartola.

Jorge Pelado era, acima de tudo, um cara muito legal. Ponta-direita da pesada, fazia sambas com a mesma velocidade com que ia à linha de fundo. Peladinho, responsável por mais de dez sambas-enredo da Mangueira, muitos campeões, todos belíssimos, é de uma família importante na Estação Primeira: sua mãe, seus irmãos e, por extensão, sobrinhos, filhos, netos, bisnetos davam para formar, sozinhos, uma grande



ala. Pelado deixa uma porção de saudades: de seus sambas, de seu sorriso grande de menino, de sua voz de partideiro, que se fazia ouvir morro acima noites inteiras, tardes inteiras, a vida inteira. Jorge Pelado, compositor e ritmista — com um tamborim na mão era incrível —, partiu. Fica, porém, na Mangueira, que mora pertinho do céu.

Deixe Neide para o fim de propósito. É difícil, para mim, falar dela no passado. Conheço Neide desde quase menina, alegre, brincalhona. Grávida, subia para o *Inferninho*, onde morava no morro, lata d'água na cabeça, com um rebolado só dela. E até sumir na porta do barraco, Neide desfilava todos os dias. A imagem que sempre tenho dela é fantasiada, com a bandeira na mão, aberta, vibrante, rodopiante, orgulhosa, tremulando alto por cima de todas as cabeças; por cima de tudo.



A identidade de Neide com a bandeira só pode ser coisa de milagre. As duas se fundem, são uma só. Mas não precisa luxo e riqueza para se admirar Neide-porta-bandeira. Nos ensaios, dentro de seus vestidos simples, sandálias no pé, o espetáculo não muda.

O corpo forte e esbelto da bela Neide começa a definhando. Mas o sorriso, a alegria não a abandonam nunca. Só seu amor pela Mangueira, pela bandeira, manteve-a por muitos anos. Definhando. E sorrindo. E sambando. E dançando com a bandeira. É duro não ter Neide. Hoje seus passos estão mais leves do que nunca. Ela dança sobre nuvens, com a bandeira da Mangueira rodopiando no lugar que Neide sempre fez questão de mantê-la: no céu.

Mangueira sem Cartola, Pelado e Neide. É dose. Deixem a Mangueira passar com a sua saudade.



AGRADECIMENTOS:

EMPRESAS BLOCH (Manchete)

FAMC S/A

Produtos Siderúrgicos (Manoel Duque da Silva)

FLEXA CARIOCA S/A

CHARUTARIA ESTRELA

ALCISA S/A (Alumínio)

RIO ROUPAS

GESSO MOSSORÓ

e

ALCIONE (a Marrom)

MARIA BETHÂNIA

CORTESIA DA

Manchete